

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA

BACHARELADO EM HUMANIDADES

LUZYANNE MARIA DA SILVA

O CABELO CRESPO E A TRAJETÓRIA ESCOLAR NO PROCESSO DE
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA

REDENÇÃO/ CE

2014

LUZYANNE MARIA DA SILVA

O CABELO CRESPO E A TRAJETÓRIA ESCOLAR NO PROCESSO DE
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de Bacharelado
em Humanidades da Universidade da
Integração Internacional da Lusofonia
Afro-Brasileira, como parte dos
requisitos para obtenção do título de
Bacharel em Humanidades.
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Vera Regina
Rodrigues da Silva.

Redenção/Ce
2014

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira

Direção de Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)

Biblioteca Setorial Campus Liberdade

Catálogo na fonte

Bibliotecário: Francisco das Chagas M. de Queiroz – CRB-3 / 1170

Silva, Luzyanne Maria da.

S578c

O cabelo crespo e a trajetória escolar no processo de construção da identidade negra. / Luzyanne Maria da Silva. Redenção, 2014.

52 f.: 30 cm.

Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientador (a): Prof^a. Dr^a. Vera Regina Rodrigues da Silva.
Inclui Referências.

1. Cabelo cuidado e higiene. 2. Negros Identidade racial. 3. Racismo. 4. Educação. I. Título

CDD 370.5

LUZYANNE MARIA DA SILVA

O CABELO CRESPO E A TRAJETÓRIA ESCOLAR NO PROCESSO DE
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA

Aprovada em: 24/11/2014.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª. Dr^ª. Vera Regina Rodrigues da Silva (orientadora)
Universidade Internacional da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira
(UNILAB)

Prof^ª. Dr^ª Rebeca de Alcântara e Silva Meijer
Universidade Internacional da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira
(UNILAB)

Prof^ª. Dr^ª. Geranilde Costa e Silva
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Redenção/Ce
2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar à Deus, que me guiou com sua luz divina;

Agradeço à minha mãe, pelo exemplo e pela força, pelos ensinamentos e por estar sempre me esperando de braços abertos ao final da noite;

Agradeço à minha avó materna e à minha tia, mulheres que me ensinaram a nunca desistir e a ver sempre o lado bom das coisas;

Agradeço à todos os meus professores, por me fazerem olhar o mundo de uma nova maneira;

Agradeço aos meus amigos Junior Mesquita, Kelly Maria e Tamilton Teixeira que estiveram sempre comigo nesta caminhada;

Agradeço às estudantes que me cederam as entrevistas com curiosidade e atenção;

Agradeço ao meu namorado pela paciência e incentivo;

Agradeço especialmente à minha orientadora Vera Rodrigues pela carinho, pela força, por me encorajar nas dificuldades e por ter sido a maior incentivadora deste trabalho.

À todos o meu mais profundo agradecimento!

Epígrafe

“Desde que era impossível livrar-me de um complexo inato, decidi me afirmar como Negro. Uma vez que o outro hesitava em me reconhecer, só havia uma solução: fazer-me conhecer”. (FANON,2008)

RESUMO

O Presente trabalho de conclusão de curso tem por objeto de estudo os dados obtidos por meio de uma pesquisa etnográfica realizada em duas instituições escolares na cidade de Redenção/CE. Dele emerge uma articulação entre a trajetória escolar e o processo de construção da identidade negra, pondo em foco a significação social do cabelo crespo e os sentidos que lhes são atribuídos dentro e fora do espaço escolar. A pesquisa se desenvolveu na Escola Estadual de Ensino Médio Camilo Brasiliense e a Escola Estadual de Educação Profissional Adolfo Ferreira de Sousa. Em cada escola foram entrevistadas dez adolescentes com cabelos crespos. Para a realização da etnografia, a observação participante e as entrevistas foram as técnicas utilizadas. O objetivo foi compreender, a partir de lembranças das adolescentes entrevistadas, como estas percebem o seu próprio cabelo e a relação estabelecida entre o cabelo crespo, a trajetória escolar e a identidade negra, constatar como esse processo de reconhecimento da identidade negra e das relações raciais incidem nos espaços escolhidos para o trabalho de pesquisa, além de observar como as instituições escolares vivenciam e dialogam com o processo de significação social do cabelo crespo. O entendimento desse contexto revela que as experiências vividas em torno do cabelo no ambiente escolar e na sociedade como um todo acontecem em meio a conflitos e contradições.

Palavras-chave: Cabelo crespo, educação, identidade negra, trajetórias escolares.

ABSTRACT

The Present Work of completion is the object of study data obtained through ethnographic research conducted in two educational institutions in the town of Redenção/ CE. It emerges an articulation between school history and the process of construction of black identity, bringing into focus the social significance of curly hair and meanings ascribed to them inside and outside school. The research was developed at the State High School Camilo Brasiliense and the State School for Professional Education Adolfo Ferreira de Sousa. In each school were interviewed ten adolescents with curly hair. For the realization of ethnography, participant observation and interviews were the techniques used. The goal was to understand, from memories of girls interviewed, as they perceive their own hair and the relationship established between the curly hair, the school history and black identity, note how this process of recognition of black identity and race relations chosen to focus on the research areas, and watch how educational institutions experience the process of dialogue and social significance of curly hair. Understanding this context reveals that the experiences around the hair at school and in society as a whole come amid the conflicts and contradictions.

Keywords: Curly hair, education, black identity, school trajectories.

SUMÁRIO

1 O CABELO CRESPO, A IDENTIDADE NEGRA E O PROCESSO EDUCACIONAL.....	9
1.1 O cabelo crespo como ícone identitário.....	12
1.2 A identidade negra e a trajetória escolar: uma relação complexa.....	16
2 VIVÊNCIAS ESCOLARES: O PROCESSO DE SIGNIFICAÇÃO SOCIAL DO CABELO CRESPO NA ESCOLA.....	21
2.1 “O símbolo das mulheres negras são os seus cabelos crespos”.....	23
2.2 “Meu cabelo revela quem eu sou”.....	34
3 CONSTRUINDO UMA CONSCIÊNCIA IDENTITÁRIA: A RESSIGNIFICAÇÃO DA MINHA IDENTIDADE.....	42
3.1 “Nega do cabelo do duro que não gosta de pentear”.....	43
3.2 “Respeitem meus cabelos, brancos! Chegou a hora de falar vamos ser francos”.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	50

Capítulo I - O cabelo crespo, a identidade negra e o processo educacional

O Brasil é um país multicultural e possui uma diversidade étnico-racial que suscita, na política de igualdade racial, teorias e discursos ideológicos complexos. Para o brasileiro, atualmente são recorrentes os debates em torno do seu reconhecimento étnico e das relações raciais. As marcas deixadas pelo processo de colonização, pelas teorias racistas do século XIX, pela falácia da democracia racial e pelos ideais assimilacionistas refletem claramente a dificuldade que muitos brasileiros possuem de identificarem-se positivamente e relacionarem-se democraticamente dentro da sociedade brasileira.

Diante da realidade étnico-racial do Brasil emerge uma preocupação pertinente com essas relações étnico-raciais existentes no ambiente escolar: a escola tem conseguido mover seus discursos e ações no processo de reconhecimento da identidade negra e no combate ao racismo? Percebendo a escola como uma instituição formadora de saberes sociais e culturais é, indiscutivelmente, importante analisarmos como as escolas de Redenção¹ acolhem e interagem nesse processo de reconhecimento e autoafirmação/negação da identidade negra.

Em Gomes apud d'Adesky (2008) a autora busca explicar o processo de construção da identidade dos indivíduos afirmando que “Nenhuma identidade é construída no isolamento.” Segundo ela, a identidade negra é como “um movimento que não se dá apenas a começar do olhar de dentro, do próprio negro sobre si mesmo e seu corpo, mas também na relação com o olhar do outro, do que está fora”. Analisar esse processo de construção da identidade negra dentro das escolas é fundamentalmente relevante já que estudantes e professores desenvolvem no ambiente escolar vivências diversas e é também dentro dessas interações sociais que eles poderão indagar-se sobre quem são e de onde vieram (ancestralidade), este é um dos passos necessários para o desenvolvimento dos processos de busca da identidade.

Os anos de silêncio vividos dentro desses espaços devem ser invadidos pela abertura de uma nova proposta pedagógica apoiada na lei nº 10.639, promulgada pelo

¹ Redenção é um município do interior do Ceará e traz este nome por ter sido a primeira cidade do Brasil a libertar seus escravos, em 1883. Por esse motivo, Redenção recebeu a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

então Presidente da República Federativa do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva em 2003, que garante a reconstrução de uma história esquecida e mascarada.

Analisemos o que nos diz o documento “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana” (2004):

(...)convivem, no Brasil, de maneira tensa, a cultura e o padrão estético negro e africano e um padrão estético cultural branco europeu. Porém, a presença da cultura negra e o fato de 45% da população brasileira ser composta de negros (de acordo com o censo do IBGE) não têm sido suficientes para eliminar ideologias, desigualdades e estereótipos racistas. Ainda persiste em nosso país um imaginário étnico-racial que privilegia a branquidade e valoriza principalmente as raízes europeias da sua cultura, ignorando ou pouco valorizando as outras, que são a indígena, a africana, a asiática.

Percebendo, pois a existência de um imaginário étnico-racial que traz privilégios somente para uma esfera populacional, precisamos admitir que 45%² da população brasileira vive à margem da sociedade, enfrentando sérias situações discriminatórias e excludentes e que estas devem ser combatidas também nas escolas. A promoção de estereótipos e atos racistas em nosso meio torna-se comum e as pessoas acabam por considerarem naturais tais promoções e atos. Essa realidade na qual vivem os negros no Brasil nos mostra que o discurso da igualdade racial mantém as desigualdades efetivas, relativas à educação, à representação na mídia e à conquista de direitos. É nesse universo contraditório que buscamos desmistificar a ideia de que no Brasil não existe racismo. As políticas de igualdade racial e as ações afirmativas buscam eliminar essas desigualdades historicamente acumuladas. As diretrizes (2004) nos apontam um caminho a ser seguido, destacando assim o ambiente escolar como um lugar importante para rompermos com as representações negativas do negro e combatermos o racismo.

² De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

(...)Para obter êxito, a escola e seus professores não podem improvisar. Têm que desfazer mentalidade racista e discriminadora secular, superando o etnocentrismo europeu, reestruturando relações étnico-raciais, desalienando processos pedagógicos. Isto não pode ficar reduzido a palavras e a raciocínios desvinculados da experiência de ser inferiorizados vivida pelos negros, tampouco das baixas classificações que lhes são atribuídas nas escalas de desigualdades sociais, econômicas, educativas e políticas.

A desalienação dos processos pedagógicos é um passo importante para um novo fazer na educação. Podemos observar que a complexidade da relação identidade negra e escola necessita ser analisada de forma que privilegie a aplicação de uma nova proposta pedagógica, a superação do racismo e a eliminação de desigualdades e estereótipos racistas. Assim como apresentam as diretrizes(2004), Gomes também acredita que compete aos educadores a compreensão de como as várias civilizações, ao longo da história, classificavam-se, como determinadas classificações tornaram-se hierarquizadas na conjuntura do racismo e como esse fenômeno intervém na construção da autoestima e impede a construção de uma escola democrática. Bem como, é responsabilidade do educador o entendimento do conjunto de representações relacionadas ao negro existentes na sociedade e na escola, e ressaltar as representações positivas produzidas politicamente pelo movimento negro e pela comunidade negra. Tais intervenções são essenciais para impulsionar discussões sobre a cultura negra e destacar a sua relevância na produção de uma sociedade brasileira legítima, possibilitando um rompimento com a “naturalização” das diferenças étnico/raciais.

Dentro desta perspectiva, destaco ainda que segundo Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004) o empreendimento de novas propostas pedagógicas requer a superação de alguns equívocos. O primeiro, se refere a questão do “ser negro” no Brasil, para as diretrizes “ser negro” não depende somente das características físicas, mas sim de uma “escolha política”. A definição do “ser negro” tem uma relação direta com o complexo processo de construção da identidade negra neste país, a desvalorização do negro em nossa sociedade produz essa complexidade.

O segundo, diz respeito a alegação de que “os negros se discriminam entre si e que são racistas”. Ora, é sabido que dentro das diversas teorias e ideologias racistas os negros eram tidos como sujeitos inferiores, na verdade algumas pessoas negras são influenciadas por essas teorias e acabam por reproduzi-la alienadamente. Nesse sentido, esta constatação nos confirma que “o racismo imprime marcas negativas na subjetividade dos negros e também na dos que os discriminam”.

O terceiro equívoco menciona “a crença de que a discussão sobre a questão racial se limita ao Movimento Negro e a estudiosos do tema e não à escola.” Considerando assim a escola como uma instituição social é fundamental que está se posicione politicamente, contra toda e qualquer forma de racismo. Pois, como bem enfatizam as diretrizes, segundo “o artigo 5º da Constituição Brasileira, racismo é crime inafiançável e isso se aplica a todos os cidadãos e instituições, inclusive, a escola.” Um outro equívoco busca o esclarecimento de que o racismo, o mito da democracia racial e a ideologia do branqueamento não atinge somente os negros neste país. Para as diretrizes a produção e utilização de pedagogias que combatam o racismo e suas vertentes tornam-se necessários para que o objetivo de fortalecer entre os negros e brancos a consciência negra seja uma realidade concreta em nosso cotidiano.

1.1– O cabelo crespo como ícone identitário

O cabelo crespo é um elemento característico do negro muito forte, inevitavelmente, quando o abordamos como objeto de estudo nos aproximamos da discussão sobre identidade negra. Compreender as constantes mudanças e insatisfações que movem a vida de mulheres negras que possuem cabelos crespos, percebendo os conceitos e as significações provenientes das ideologias sociais e raciais existentes em meio a seus processos de manipulação fazem-se necessários. O cabelo admite muitas funções e expressões e o seu significado social pode ser observado em sociedades diversas como um meio de expressão cultural, segundo Gomes apud Byrd e Tharps (2003):

(...)no início do século XV, o cabelo funcionava como um condutor de mensagem na maioria das sociedades africanas ocidentais. Muitos integrantes dessas sociedades, incluindo os *Wolof*, *Mende*, *Mandingo* e *Iorubás*, foram escravizados e trazidos para o Novo Mundo. Nessas culturas o cabelo era parte

integrante de um complexo sistema de linguagem. Desde o surgimento da civilização africana, o estilo do cabelo tem sido usado para indicar o estado civil, a origem geográfica, a idade, a religião, a identidade étnica, a riqueza e a posição social das pessoas. Em algumas culturas, o sobrenome de uma pessoa podia ser descoberto simplesmente pelo exame do cabelo, pois cada clã tinha o seu próprio e único estilo. O significado social do cabelo era uma riqueza para o africano. Dessa forma, os aspectos estéticos assumiam um lugar de importância na vida cultural das diferentes etnias. Várias comunidades da África Ocidental admiravam a mulher de cabeça delicada com cabelos anelados e grossos. Esse padrão estético demonstrava força, poder de multiplicação, prosperidade e a possibilidade de parir crianças saudáveis.

Gomes (2003) ressalta que “a força simbólica dos cabelos para os africanos continua de maneira recriada e ressignificada entre nós, seus descendentes.”, destacando que essas técnicas de manipulação do cabelo se manifestam no nosso dia a dia e nos mais variados espaços: “A descendência africana nos deixa de herança muitas formas de manipulação do cabelo que podem ser observados das tranças aos *dreads*³.” Percebendo a existência de salões étnicos no Brasil em que a prática cultural de celebração do cabelo é possível, a antropóloga nos faz um questionamento importante: “Será que ela também é possível na escola?”. A autora, respondendo ao seu questionamento, considera que além de as práticas culturais ligadas aos penteados serem uma instigante tarefa para os adolescentes e jovens negros e brancos das nossas escolas, o estudo dos penteados e do simbolismo do cabelo torna-se uma necessidade e uma condição. Uma necessidade que nos predispõe a percepções subjetivas construtivistas, permitindo-nos observar que a manipulação do cabelo do negro não nos fala apenas da modernidade, das técnicas modernas de alisamento e relaxamento, da estilização de penteados, da reprodução da ideologia do branqueamento e do mito da democracia racial, mas também de processos de resistência. Uma condição pelo fato de possibilitar-nos formas de recriação cultural e identitária.

³ *Dread* é uma palavra em inglês que em muitos casos é usada como abreviatura de *dreadlocks*, que descreve um estilo de cabelo caracterizado pela apresentação de tranças longas e finas.

Dada a importância do cabelo e a sua classificação como uma marca identitária do negro nas mais diversas sociedades é relevante destacarmos como este tem sido visto dentro na sociedade brasileira. Sabemos que a teoria do embranquecimento possui um discurso eurocêntrico e politizado que tenta negar a existência de negros no Brasil, o cabelo crespo, enquanto ícone identitário, torna-se alvo dessa constante tentativa de negação/inferiorização. Gomes (2002) observa que se considerarmos o cabelo do negro na sociedade brasileira, veremos expresso o conflito racial vivido por negros e brancos em nosso país: “O cabelo do negro visto como ‘ruim’, é a expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como ‘ruim’ e do branco como ‘bom’ expressa um conflito.” Por esse motivo a mudança do cabelo, tal como afirma a autora, pode representar o desejo do negro em deixar de ser visto como inferior ou a assimilação da ideologia do embranquecimento. Pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo. Ressalto aqui que a antropóloga pondera essa observação dizendo que do ponto de vista da luta antirracista, nós não podemos desconsiderar que esse discurso do não uso de produtos químicos no cabelo possui importância e ocupa lugar nas discussões em torno da questão racial. Porém, não podemos deixar que “[..] esse apelo à naturalidade do corpo negro se transforme em uma imposição de uma leitura ideológica da negritude ou incida na cristalização das diferenças”. Considerando essa observação, é importante compreendermos a manipulação do cabelo crespo como um processo que pode ser consciente ou inconsciente.

A imposição estética, a padronização ideal do branco acaba por promover uma hierarquia racial em termos étnicos e estéticos que desenvolve no próprio negro um conflito denominado por Gomes como: “*rejeição/aceitação*”. O cabelo crespo, considerado como um ícone identitário, é um exemplo a ser analisado, já que este enquanto elemento identitário é visto em nosso meio como “ruim/feio”. O imaginário social brasileiro é alimentado por ideologias reprodutoras de representações negativas sobre o ser negro, uma sociedade que estigmatiza e discrimina sujeitos, que mascara a história. Diante dessa realidade, que negro não vivenciará esse conflito? Assim sendo, esse conflito “*rejeição/aceitação*” do cabelo crespo nos traz a complexidade vivida por estes sujeitos, já que em algumas situações esse processo conflituoso pode representar uma forma de negação desenvolvida pelo negro em relação a sua identidade. Um ponto

importante nos debates que envolvem o cabelo crespo e a identidade negra é compreendermos esse conflito rejeição/aceitação, percebendo a identidade como ‘um processo de construção dialético e social’ e o cabelo crespo como “um elemento identitário definidor do pertencimento étnico-racial dos sujeitos negros”.

(...)No Brasil, a construção da(s) identidade(s) negra(s) passa por processos complexos e tensos. Essas identidades foram (e têm sido) resignificadas, historicamente, desde o processo da escravidão até as formas mais sutis e explícitas de racismo, à construção da miscigenação racial e cultural e às muitas formas de resistência num processo – não menos tenso – de continuidade e recriação de referências identitárias africanas. É nesse processo que o corpo se destaca como veículo de expressão e de resistência sociocultural, mas também de opressão e negação. O cabelo como ícone identitário se destaca nesse processo de tensão, desde a recriação de penteados africanos, passando por uma estilização própria do negro do Novo Mundo, até os impactos do branqueamento. (GOMES, 2001)

O cabelo crespo é visto pela autora como expressão e suporte simbólico da identidade negra e ainda como um “ícone identitário”, tomando por base essa visão poderemos então, compreender o processo identitário conflituoso que se desvela outrossim no universo escolar. Parafraseando Gomes (2000), podemos perguntar: Será que alunos e professores são conhecedores do significado social do cabelo crespo e os sentidos conferidos a ele dentro do ambiente escolar? Essa discussão é pertinente e merece destaque já que a maioria dos indivíduos amplia na escola suas interações sociais. Vejamos o que nos diz Gomes (2002):

(...)Aos poucos, os educadores e as educadoras vêm interessando-se cada vez mais pelos estudos que articulam educação, cultura e relações sociais. Temas como a representação do negro nos livros didáticos, o silêncio sobre a questão racial na escola, a educação de mulheres negras, relações raciais e educação infantil, negros e currículo, entre outros, começam a ser incorporados na produção teórica educacional. Porém, apesar desses avanços, ainda nos falta equacionar alguns aspectos e

compreender as muitas nuances que envolvem a questão racial na escola [...] Dessa forma, um dos caminhos para a ampliação do estudo da questão racial no campo da educação, na tentativa de compreender a sua relação com o universo simbólico, pode ser a construção de um olhar mais alargado sobre a educação como processo de humanização, que inclua e incorpore os processos educativos não-escolares. (GOMES, 2002)

O caminho para a construção desses novos mecanismos pedagógicos é longo, mas indispensável para construirmos uma sociedade menos desigual racial e socialmente. Gomes apud Bruner (2010) destacam o peso da cultura escolar no processo de construção de identidades sociais e enfatizam a escola como mais um espaço presente na construção do complexo de humanização.

1.2- A identidade negra e a trajetória escolar: uma relação complexa

Partindo do pressuposto de que a escola é o espaço onde múltiplas identidades serão formadas ou moldadas no âmbito de processos relacionais interativos positivos ou negativos, é pertinente a afirmação de Gomes no que se refere a tentativa de ampliar o estudo da questão racial no campo da educação na busca pela compreensão da sua relação com o universo simbólico. As relações raciais imputam nos sujeitos papéis sociais que dentro do sistema hierarquizante que nós vivemos define uma estrutura social que une raça/etnia à posição econômica, e essa junção acaba por assegurar a desigualdade de classes também no ambiente escolar. Ao analisar as produções que abordam a relação identidade negra e escola⁴ é comum nos depararmos com declarações de insatisfação nas relações sociais estabelecidas no período escolar, quando essas relações se fundem nas identidades individuais de cada sujeito essa insatisfação é ainda mais acentuada. Esses sujeitos negros guardam marcas de um período muito desagradável em suas vivências escolares, o ícone identitário: cabelo crespo é apontado como marca de inferioridade, quando o objetivo é discriminar, menosprezar, ridicularizar esses sujeitos. Xingamentos, piadinhas e “brincadeiras de mau gosto” caracterizam o universo das escolas, que neste país também são reprodutoras do mito da democracia e discriminação racial. Seria um absurdo considerar essas atitudes comuns só por que existem alegações que justificam

⁴ Ver CAVALHEIRO, Eliane (1998); ALGARVE, Valéria Aparecida (2005)

ignorantemente que “Ahhhh... aluno é assim é assim mesmo! Eles gostam de brincar, de colocar apelido uns nos outros.” DaMatta (1984) nos explica esse discurso afirmando que o mito da democracia racial nega a existência de conflitos entre negros e brancos que tende a negar a existência de discriminação na sociedade brasileira, negação esta, que pode ser considerada como um inoportuno disparate. Racismo não é brincadeira. O cabelo do negro não pode ser visto como anormalidade. Nós não podemos comungar com a ideologia de que o cabelo ideal é o cabelo do branco ou de que devemos fazê-lo para sermos considerados cidadãos nesta sociedade, já que o cabelo do negro pode ser visto como uma nítida expressão desses sujeitos. Se olharmos com mais atenção perceberemos as contradições e implicações existentes na maneira como a sociedade em geral trata o cabelo crespo, há uma tentativa sistemática, mercadológica e ideológica, por parte da cultura dominante, de não permitir que o negro reconheça e construa a sua própria identidade.

(...)Na instituição escolar, assim como na sociedade, nós comunicamo-nos por meio do corpo. Um corpo que é construído biologicamente e simbolicamente na cultura e na história. A Antropologia mostra-nos que as singularidades culturais são dadas não somente pelas dimensões invisíveis das relações humanas. São dadas, também, pelas posturas, pelas predisposições, pelos humores e pela manipulação de diferentes partes do corpo. (GOMES, 2002)

Perceber essas singularidades culturais através da articulação entre a Antropologia e Educação é uma via na qual a cientista social acredita trazer novas aberturas para buscarmos a inclusão do estudo das relações raciais na escola. A captação dessas posturas, predisposições, humores e manipulação dos corpos nos permitirão conhecer, compreender e analisar quem são esses sujeitos (estudantes/professores) e como eles se relacionam dentro das escolas pesquisadas. O processo educacional não pode desconsiderar as individualidades dos seus alunos bem como a necessidade de anulação de toda e qualquer forma de imposições assimilacionistas e hierarquizantes.

A análise da escola enquanto instituição social e de como esta deve abordar a questão racial em sua plenitude, sem omissões ou mesmo ideologias e ainda as propostas pedagógicas que norteiam esses estudos e projetos desenvolvidos nesses espaços é um passo importante para o descortinar da realidade nas escolas de Redenção. Atualmente as

discussões em torno da questão identitária e racial no Brasil e especialmente em Redenção, necessitam ganhar visibilidade para que os sistemas de ensino se coloquem e busquem a superação das persistentes propostas pedagógicas ideológicas e discriminatórias. Investigando quando surgem essas novas propostas que objetivam o combate ao racismo e o reconhecimento do negro no processo educacional brasileiro pude observar que muitos estudiosos, em sua maioria negros, a tempos lutam por um novo fazer neste processo.

Historicamente, a partir do século XX o Movimento Negro (MN) rompe estrategicamente com alguns paradigmas e assume a sua trajetória de luta e resistência. É nesse momento que a luta racial no Brasil esquadriha seu espaço e os negros lutam por seu reconhecimento através de muitos movimentos como a Frente Negra Brasileira⁵ e o Teatro Experimental do Negro⁶ por exemplo. O golpe militar na década de 60 interrompe a alavancada do Movimento Negro, mas posteriormente ressurgem as organizações do Movimento e é na década de 70 que, segundo Lima (2004) “a educação será apontada como uma das grandes preocupações deste setor, no sentido de que seria considerada uma das políticas públicas indispensáveis para a organização dos setores marginalizados”. Observemos o que Lima apud Gomes (2004) percebendo a importância da educação na desconstrução desses mecanismos de reprodução de teorias racistas destaca sobre a importância do Movimento Negro na construção de métodos dialógicos e transformadores de ensino: “Assim, no campo educacional o MN numa perspectiva de rediscutir o papel que os sistemas de ensino devem assumir ao pensar a relação entre educação e sociedade brasileira, trouxe não somente reivindicações, mas também problematizações teóricas e ênfases específicas”. (GOMES, 1997)

É na força do Movimento Negro e do Departamento de Ciências Sociais do Núcleo Cultural Afro-Brasileiro de Salvador em parceria com a Universidade Federal da

⁵ A Frente Negra Brasileira foi fundada na década de 20, contando com mais de 20 núcleos locais e com 6.000 membros efetivos em São Paulo e 2.000 em Santos. Constituíam-se em um movimento político de massa. Irradiou-se até outros estados do país (Maranhão, Bahia, Pernambuco, Sergipe, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santos). Protestava contra a discriminação racial, reunindo milhares de pessoas nas ruas de São Paulo, trazendo gente de todas as partes (NASCIMENTO, 1982). A Frente Negra foi dissolvida pelo Estado Novo, em 1930.

⁶ O Teatro Experimental do Negro foi fundado por Abdias do Nascimento no Rio de Janeiro, em 1944. Era uma organização que pretendia a abertura de oportunidades reais de ascensão econômica, política, cultura e social para o negro, respeitando sua origem africana. (A respeito, confira a obra de Abdias Nascimento, intitulado O Negro revoltado, citado por NASCIMENTO, 1982)

Bahia (UFBA) que surge uma proposta pedagógica: a Pedagogia Interétnica. Os sociólogos Roberto Santos e Manoel de Almeida Cruz⁷, numa perspectiva otimista, conduziram uma pesquisa sobre relações raciais em 1978 apoiados pela Universidade Federal da Bahia, como resultado desta investigação os pesquisadores mostraram que o processo educacional (escola, família, comunidade e meios de comunicação social) é o principal responsável pela transmissão do preconceito racial e que, só através deste processo será possível combatê-lo.

É perceptível que naquele momento histórico, havia uma insatisfação por parte de alguns estudiosos brasileiros no que se referia as pedagogias vigentes, porém essa insatisfação persiste nos dias atuais, se analisarmos as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana perceberemos que a mesma observação levantada por Manoel de Almeida Cruz em sua pesquisa será também apontada no relatório das Diretrizes:

“A escola tem papel preponderante para eliminação das discriminações e para a emancipação dos grupos discriminados, ao proporcionar acesso aos conhecimentos científicos, a registros culturais diferenciados, à conquista de racionalidade que rege as relações sociais e raciais, a conhecimento avançados, indispensáveis para consolidação e concerto das nações como espaços democráticos e igualitários.” (Diretrizes)

Considerando os métodos de combate ao racismo recomendados pela Pedagogia Interétnica (Método Curricular; Método Dramaterapêutico e o Método Comunicativo), os aspectos estruturais (Aspecto Histórico; Aspecto Culturológico; Aspecto Antrobiológico; Aspecto Sociológico e o Aspecto Psicológico) , os procedimentos metodológicos da Pedagogia Interétnica (Procedimento Fenomenológico e Procedimento Dialético) e os equívocos que as Diretrizes visam desconstruir, temos então conhecimentos que se complementam e que norteiam as necessidades de um novo fazer pedagógico no sistema educacional brasileiro. O esclarecimento do que é ser negro no Brasil, o enfrentamento de que negros se discriminam entre si e que também são racistas, a superação da crença de que a questão racial se limita ao Movimento Negro e a estudiosos e não à escola e a elucidação de que o racismo, o mito da democracia racial e a ideologia do branqueamento

⁷ Manoel de Almeida Cruz (1950-2004) Sociólogo, um dos fundadores do Núcleo Cultural Afro-Brasileiro (NCAB) e o principal formulador da Pedagogia Interétnica .

só atingem os negros são equívocos que Manoel de Almeida Cruz, desde 1978 buscou desconstruir ao elaborar a Pedagogia Interétnica. Observo aqui que apesar das dificuldades enfrentadas por esse processo de desconstrução, alguns passos foram dados, saliento que por intelectuais negros como Manoel de Almeida Cruz e Nilma Lino Gomes⁸.

Transformar a escola em um ambiente que pode ser de diálogo, de respeito as diferenças e um lugar onde desejamos estar, não é uma tarefa fácil. Além de ser um lugar da promoção de conhecimento e circulação de ideias, a escola é também um espaço de conflitos e contradições e é exatamente nestas contradições desenvolvidas nas escolas que a relação complexa entre identidade negra e trajetória escolar se faz presente. Quando o assunto a ser discutido se refere a população negra, essa complexidade toma uma dimensão demasiadamente vultuosa. Vivemos numa sociedade histórica e socialmente diversa e podemos observar que as lacunas deixadas pelo mito da democracia racial provocou, como enfatiza DaMatta (1986), a “Ilusão das relações raciais”. A ilusão percebida pelo autor nas relações existentes neste país, nos permite compreender o fosso que há entre a população negra e a população branca que aqui vivem. Ressalto aqui, que diferente de outros países, o Brasil vivencia um preconceito racial contextualizado e sofisticado. Tal como destaca DaMatta apud Oracy Nogueira “[...] um tipo de preconceito racial que considera básica as “origens” das pessoas, e não somente a “marca” do tipo racial, como ocorre no caso brasileiro.” Tais lacunas perpassam períodos e sistemas e acabam por infiltrarem-se também nas mais variadas instituições, como a escola por exemplo. As mudanças instigadas pela lei 10.639 só poderão então ocorrer, quando as escolas brasileiras assumirem uma de suas maiores funções e como uma instituição social potencializadora do conhecimento e da existência, reformularem seus currículos e construirão uma proposta educativa e curricular culturalmente plural, antirracista e fundamentalmente humanizadora.

⁸ Doutora em antropologia social pela USP, pós-doutorada em Sociologia pela Universidade de Coimbra, tornou-se a primeira mulher negra do Brasil a comandar uma universidade federal, ao assumir o comando da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, em 2013.

Capítulo II- Vivências escolares: o processo de significação social do cabelo crespo na escola

Minha pesquisa se desenvolveu em duas escolas públicas de ensino médio localizadas no município de Redenção: a Escola Estadual de Ensino Médio Camilo Brasiliense e a Escola Estadual de Educação Profissional Adolfo Ferreira de Sousa. Entrevistei dez adolescentes em cada escola, optei por garotas negras e de cabelos crespos. Justifico que a preferência por meninas se deve ao fato de que estas possuem uma relação bem mais estreita com os seus cabelos possibilitando análises positivas e contribuições para a construção de conhecimento. Para a realização da etnografia, a observação participante e as entrevistas foram as técnicas que utilizei.

As constantes situações de discriminação e preconceito constatadas no cotidiano escolar de estudantes negras de cabelo crespo me provocam inquietações e me instigam a busca de explicações. Apesar da complexidade existente em torno deste tema, as declarações expostas por estas estudantes fornecem pistas e entendimentos que contribuirão para a construção de novas propostas pedagógicas e ajudarão a melhorar o trabalho no cotidiano escolar. Atitudes preconceituosas como xingamentos, apelidos e brigas permeiam o universo escolar desenvolvendo nos estudantes e professores uma certa indiferença, na maioria das vezes esses atos são considerados normais e a ação pedagógica não acontece.

Os padrões estéticos eurocêtricos impostos em nossa sociedade vem promovendo, cada vez mais cedo, na vida de mulheres negras, a ideologia de que o cabelo crespo para ser considerado “socialmente aceitável” precisa estar dentro desses padrões. Os casos de mulheres negras, que cotidianamente sofrem situações de preconceito por assumirem seus cabelos crespos ocorrem com frequência neste país, assim também como o crescimento dos processos de alisamento para cabelos crespos.

Vejamos o que declarou uma jovem negra ao discutir a questão do processo de significação social do cabelo em sua página de uma rede social:

“Sabemos que a população negra enfrenta vários outros desafios sociais, que muitos consideram essa questão de cabelo como

secundária ou como algo que nem há necessidade de ser abordado. Mas o corpo é aquilo que somos e essa relação precisa ser bem desenvolvida. O racismo desumaniza, nos faz criar rejeição pelo nosso próprio corpo. Os padrões de beleza cerceiam a liberdade a ponto de atingir uma criança que não deve ter preocupação com cabelo ou qualquer outra coisa. Que mais mães tenham consciência de que o cabelo tem forte significado na construção da identidade da pessoa negra. Que ninguém mais tenha que se envergonhar pelo seu corpo livre de padrões.” (B. P.)

De fato “o racismo desumaniza” e a necessidade de abordar e analisar as várias significações do cabelo crespo no ambiente escolar nos permite também mostrar que a questão do cabelo não é secundária, além de adentrar na subjetividade dos sujeitos, como bem enfatiza Gomes (2008) “[...] trata-se do desafio de articular a questão racial e a expressão estética, de tocar o mundo dos sentidos e das emoções na construção da identidade negra. Trata-se de pensar como negros e brancos se relacionam em nosso país, não só na esfera da racionalidade, mas das emoções.” A percepção dessas subjetividades nos permitirá acompanhar alguns dos conflitos diários e dramas pessoais vividos pelos negros, já que vivemos num país em que a desigualdade racial e social desconsidera parte da população brasileira.

Gomes destaca (2002) que as experiências do negro em relação ao cabelo começam ainda na infância e que o processo de manipulação do cabelo especificamente para o negro brasileiro se dá em meio a tensões que podem expressar diversos sentimentos de rejeição, aceitação, resignificação e até mesmo, de negação ao pertencimento étnico/racial. Segundo ela, “As múltiplas representações construídas sobre o cabelo do negro no contexto de uma sociedade racista influenciam o comportamento individual. Existem, em nossa sociedade, espaços sociais nos quais o negro transita desde criança, em que tais representações reforçam estereótipos e intensificam as experiências do negro com o seu cabelo e com o seu corpo. Um deles é a escola.” As representações que estamos acostumados a perceber, são na maioria das vezes, representações negativas. A normatização existente na escola, as propostas pedagógicas eurocênicas, o silêncio diante de atitudes preconceituosas e a história estigmatizada da representação social do negro presente nos livros didáticos revelam a realidade das disparidades existentes no

universo escolar. A ideologia do embaquecimento está presente nas escolas através do livro didático, as reproduções estereotipadas do negro como inferior e do branco como superior faz com que estes procurem aproximar-se em tudo dessa ideologia. Destaco que quando esses sujeitos internalizam essa representação inferiorizada do negro, estes podem produzir uma autorrejeição. Um país cultural e etnicamente heterogêneo não pode, em momento algum, ser conivente com essas representações que colocam negros e negras como seres inferiores.

2.1“O símbolo das mulheres negras são os seus cabelos crespos”

A primeira escola visitada para o desenvolvimento da etnografia foi a Escola Estadual de Ensino Médio Camilo Brasiliense localizada à Rua Rosa Florêncio, e a extensão de matrículas, à Escola de Ensino Fundamental Casimiro Araújo Campos à rua Tereza Cristina em Antonio Diogo distrito de Redenção – Ceará. Atualmente (2014), a escola conta com 412 alunos distribuídos nas 1^{as}, 2^{as} e 3^{as} séries do Ensino Médio. Os sujeitos da pesquisa são dez (10) alunas negras, de faixa etária entre 16 e 19 anos. Do total das entrevistadas, cinco se autodeclararam pardas, três como pretas/negras e duas como morenas. Para iniciarmos uma reflexão sobre a complexa relação entre o cabelo crespo, a trajetória escolar e o processo de construção da identidade negra analisemos as declarações das estudantes quando perguntei o que elas pensam sobre seus cabelos. Nesta primeira pergunta, busco perceber a relação estabelecida por essas estudantes com os seus próprios cabelos e as suas posturas assumidas diante da ideologia do branqueamento. Vejamos:

Entrevistadora: O que você pensa sobre o seu cabelo?

“Eu acho meu cabelo bonito, volumoso. Eu sempre amarro ele por que as vezes, ele fica solto, arrepiadinho, mas eu gosto muito dele, cacheado.” (Estudante I-18anos)

“Eu penso que ele é um cabelo muito bonito, eu gosto muito dele e penso que ter cabelos cacheados tem suas vantagens, em minha opinião, no meu ponto de vista.” (Estudante II-18 anos)

“Ah o meu cabelo... tipo (risos) está um pouco acabado, mas mesmo ele estando assim com esse jeito dele meio acabado, eu gosto dele.

Entrevistadora: Mas o que fez seu cabelo ficar assim, acabado? Por que tu consideras que ele está acabado?

Tipo assim por químicas né?! Por que quando você passa química no cabelo e quando não é direcionando por um profissional você acaba com o seu cabelo totalmente né?! Se você não souber aplicar direito o produto.

Entrevistadora: Quanto tempo faz que tu aplicas química no teu cabelo? *Assim eu parei, eu sempre aplicava, já faz um ano, ele era grande, ele era bom, mas por causa da química ele acabou. Já está com uns nove meses que eu não aplico nada, só uso prancha.” (Estudante III-19 anos)*

“Bom, no início eu pensei que ele até servisse para alguma coisa, mas o tempo foi passando e eu fui querendo mudar o visual, querendo pintar, alisar e o meu cabelo começou a cair e ficou desgastado, fraco, começou a cair e hoje eu penso que ele não está muito bom, mas nada está perdido. Fazem cinco anos que eu aliso meu cabelo, ele está fraco. Eu vou dar um tempo pra ver se ele se recupera e depois, eu pretendo usar um processo só. Se for pra alisar será só um alisamento, não pretendo mais pintá-lo. Hoje eu penso, não vou mais pela cabeça de ninguém e vou esperar ele crescer ou cortar para poder fazer um relaxamento ou alguma coisa que deixe ele baixo e não muito volumoso.” (Estudante IV -17 anos)

“O meu cabelo é ótimo, apesar de algumas coisas que aconteceram quando eu era criança, coisas que aconteceram na escola. Mas quando a gente vai crescendo, a gente começa a cuidar mais do cabelo, começa alisar e ele começa a ficar bonito.” (Estudante V-17 anos)

“Bom, meu cabelo era crespo e eu acabei com ele, depois que comecei a alisar ele ficou pior e eu tive que cortá-lo várias vezes e ele acabou, ficou fraco. Meu cabelo era grande, bem cacheado e eu passei alisante. Da primeira vez ficou lindo, foi lá na cintura.

Depois eu fui cortando, cortando, cortando. Eu passei alisante por três vezes e ele começou a quebrar na frente. Agora eu parei de passar alisante, só uso escova inteligente, por que é uma hidratação profunda né?! E melhorou só que não fica mais como era antes né?! Por que quando ele era cacheado, era por inteiro, agora ele fica ridículo quando não está pranchado. Eu resolvi alisar meu cabelo por que cabelo crespo pra pentear é muito ruim, a gente não pode usar ele solto.” (Estudante VI-16 anos)

“Os meus cabelos eram muito crespos, não era bom não, mas eu faço alisamento, eu comecei a ajeitá-lo. Eu não gostava do meu cabelo crespo, eu não me sentia bem e resolvi fazer alisamento. Hoje eu gosto dele bem liso.” (Estudante VII-19 anos)

“Bom, o meu cabelo é cacheado e eu acho cabelo cacheado muito bonito, mas eu resolvi alisar o meu cabelo por que em mim eu não acho bonito, não. Eu me acho mais bonita com meu cabelo alisado.” (Estudante VIII-16 anos)

“Ah... o meu cabelo era crespo né?! Mas eu não queria meu cabelo crespo, eu queria ele liso. Eu já passei tanta coisa nele. Depois eu me arrependi, por que química não é pra mim, não. Eu estraguei meu cabelo. Antes do alisamento todo mundo achava meu cabelo bonito, mas eu queria meu cabelo liso, por que todo mundo tinha cabelo liso e eu queria meu cabelo liso.” (Estudante IX- 18 anos)

“Olha, o meu cabelo antes era digamos assim, mais ruim do que está hoje, mas conforme a gente sai na rua e vê aquelas pessoas com o cabelo mais bonito, mais liso, a gente vai querendo mudar por pensar que o cabelo liso é mais bonito. Eu considero ele hoje não muito agradável pra mim por que se eu pudesse voltar ao passado e deixar ele do jeito que ele era, eu usaria do mesmo jeitinho que ele era antes e eu me arrependo muito de ter mexido nele.” (Estudante X-17 anos)

Observemos inicialmente que a maioria das estudantes vivenciam o processo de conflito em relação ao cabelo, as falas são carregadas de tensões e expressam o discurso ideológico da teoria do embraquecimento. As imagens construídas na trajetória de vida

dessas adolescentes nos remetem a percepção de um imaginário racista que a sociedade brasileira faz questão de negar. Afirmações como *“por que cabelo crespo pra pentear é muito ruim”*, *“os meus cabelos eram muito crespos, não era bom não”*, *“eu não gostava do meu cabelo crespo, eu não me sentia bem”*, *“eu não queria meu cabelo crespo”*, *“todo mundo tinha cabelo lisos e eu queria meu cabelo liso”*, *“o meu cabelo antes era digamos assim mais ruim do que está hoje”*, *“o cabelo liso é mais bonito”* são a comprovação da existência de um padrão de beleza estereotipado, de um preconceito racial interiorizado fruto da mentalidade colonizada que reflete diretamente na autoestima dessas meninas. Segundo Algarve (2004), a baixa autoestima é resultado de situações de preconceito e discriminações vividas por pessoas negras desde a sua infância, essas situações marcam negativamente a vida desses sujeitos, tornando a questão da baixa autoestima um problema que é razão de sofrimento para a população negra, propiciando assim experiências de rejeição de seu ser, suas características físicas, como sua cor, o tipo de cabelo e até mesmo sua situação econômica e social, sua cultura. Além disso, a autoclassificação racial dessas garotas também nos remete a tentativa de uma afastamento velado de sua identidade, que algumas ideologias racistas tentaram e continuam tentando considerá-la inferior, a identidade negra. Somente três garotas se autodeclaram pretas/negras, percebamos então que a questão identitária naquele momento, não está bem definida para estas jovens. Num primeiro momento, as entrevistadas que se autodeclaram como “pardas” e “morenas” deixam transparecer a dualidade de sentido existente nos termos, eles podem ter sido usados referindo-se apenas a cor da pele ou ainda como uma referência a mistura racial, o encontro de “raças”, a ideia de mestiçagem. Num segundo momento, as que se autodeclaram pretas/negras não o fizeram com certeza, apresentando assim um processo de reconhecimento que não se deu em sua totalidade, mas que caminha em direção a afirmação da identidade.

Contudo, Algarve apud Souza (2004) nos diz, que o fato de um indivíduo nascer com a pele escura não garante que este apresente uma positiva autoestima e uma identidade negra, pois:

(...)Ser negro, é além disto, tomar consciência do processo ideológico, que através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de descobrimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a

qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori, é um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro. (SOUZA, 1983, P.77)

O “ser negro” dentro dessa perspectiva da identidade negra nos permite um afastamento de visões essencialistas e monolíticas, possibilitando-nos a compreensão da afirmação de Souza. A tomada de consciência do negro contribui para o desvelamento do preconceitos e silêncios que envolvem a questão racial em nosso meio, o rompimento com a cultura de dominação dentro de um complexo processo que se constrói ao longo do tempo. Diante disso, é importante salientar que pensar em identidade negra nos permite entendê-la como um movimento social, político e cultural revelado numa realidade dinâmica e contextualizada.

A análise dessa complexa relação entre o cabelo crespo, trajetória escolar e identidade negra se revela também na segunda pergunta, quando objetivei identificar se as estudantes encontrariam uma relação do cabelo crespo com a sua cor, ou seja, se elas perceberiam o cabelo crespo como um ícone identitário do negro, se teriam uma ideia de identidade negra. Vejamos:

Entrevistadora: O que você acha que o seu cabelo tem a ver com sua cor? (Qual a relação do seu cabelo com a sua cor?)

“O símbolo das mulheres negras são os seus cabelos crespos, pesados, ondulados e para minha cor eu acho que simboliza, eu sou uma negra dos cabelos cacheados, como o povo diz, crespo.”
(Estudante I)

“Tudo. Eu acho que combina mais comigo, eu acho que cabelo liso não combinaria muito, então eu acho assim, por eu ser morena e meu cabelo ser cacheado existe uma relação ai, isso vem desde que eu nasci.” (Entrevistada II)

*“Ah sei lá, eu acho que é a cor dele né?! Que combina mais com a minha cor de pele. **Entrevistada: Teu cabelo é crespo? É!** **Entrevistadora: Tu achas que o fato de o teu cabelo ser crespo não tem nada a ver com o fato de tu te autodeclares parda?** Não acho que não, por que até mesmo pessoas brancas tem o*

cabelo crespo né?! Então por isso eu acho que não.” (Estudante III)

“Eu não me critico com a minha cor, eu me acho negra, eu me acho bonita, então do jeito que é a minha pele, eu vejo o meu cabelo. As pessoas julgam e criticam as outras só por que são negras e possuem cabelos crespos, dizem que só porque nascemos negras, temos cabelos ruins. As pessoas são preconceituosas.” (Estudante IV)

“Ah o meu cabelo combina com a minha cor né, depois que eu alisei ele ficou mais bonito e combinou mais com a minha cor.” (Estudante V)

“Eu acho assim, o cabelo crespo não tem nada a ver com o fato de eu ser parda, por que tem muita gente morena, bem mais escura que eu que tem o cabelo bem mais liso. Meu cabelo é assim por causa do meu pai, e foi por causa da minha mãe que meu cabelo não saiu tão ruim assim.” (Estudante VI)

“Bom, o fato de eu ser parda não tem nenhuma relação com o meu cabelo crespo não, eu acho que não. Não tem nada a ver.” (Estudante VII)

“Eu acho que meu cabelo é assim mesmo por causa da minha cor, eu acho que eu deveria aceitar meu cabelo, mas não dá certo. E o meu cabelo é assim por que na minha família tem gente com cabelo crespo, por isso ele é assim.” (Estudante VIII)

“Ah, eu acho que é por que ele é preto, e eu gosto da cor dele.” (Estudante IX)

“Eu acho assim, o cabelo e a cor é uma coisa que já nasce com o negro, é uma identidade. Se eu quiser mudar o meu cabelo, como eu fiz, é querer mudar a minha cor. Por que a gente pensa assim, ser negro já é difícil e ainda mais do cabelo ruim, as pessoas já olham diferente. Então, o cabelo já é a raiz da cor.” (Estudante X)

O processo de tensão apresentado nas respostas da primeira pergunta também esteve presente nas respostas da segunda pergunta, algumas estudantes declaram não perceber nenhuma relação possível entre o cabelo crespo e a sua “cor”, ressaltando, que o termo “cor” neste caso não está ligado essencialmente à questão biológica, mas à questão do reconhecimento identitário. Embora a ancestralidade determine a condição biológica com a qual nascemos o foco da pergunta é o viés político e antropológico do reconhecimento étnico/racial. Mais uma vez, podemos perceber que as individualidades e a própria identidade do negro continua sendo sabotada pela supremacia racista. Assim como as estudantes, boa parte da população negra permanece em contato com situações que nos vinculam a um sistema de dominação racial. Analisemos o que diz a entrevistada X: “*Ser negro já difícil e ainda mais de cabelo ruim*”, é nítido nesta declaração que a imagem do negro construída negativamente, influi diretamente no olhar que será estabelecido do negro para com ele mesmo e para com o outro, sem descontextualizar essa afirmação vejamos que a estudante expressa um conflito de rejeição/aceitação da sua própria identidade, uma identidade que começa a ser construída. Quem sou eu? Porque meu cabelo é visto como “ruim” pela sociedade brasileira? São indagações importantes para que essas estudantes possam construir uma visão consciente de sua identidade. A não percepção do cabelo crespo como um ícone identitário do negro é consequência das representações que reforçam estereótipos e imposições advindas de experiências negativas do negro com o seu próprio cabelo.

Partindo do pressuposto de que as identidades se constroem em vários espaços sociais, como na casa, na rua, inclusive na escola, é que objetivei, na terceira pergunta, conhecer experiências vividas pelas estudantes no ambiente escolar em torno do cabelo crespo. Analisemos, essas declarações:

“Muitas pessoas caçoam do meu cabelo por que meu cabelo é cacheado, ficam desfazendo, chamando de arrepiado, me chamam de cabelo pixaim, bicha do cabelo ruim, negra do cabelo ruim. Todo mundo me perguntava e pergunta por que eu não aliso meu cabelo, diziam que ele é ruim e eu ficava triste e pensava em alisar, mas minha mãe não deixava, ela dizia: não seu cabelo é lindo! Eles diziam que meu cabelo era ruim e eu só usava ele preso e eu parei com isso, por que todo mundo tem o cabelo liso

e quando você tem o cabelo cacheado você se sente uma pessoa diferente. Eu me sinto diferente de todas as meninas.” (Estudante I)

“No colégio já disseram que o meu cabelo era de ‘bombril’, ‘palha de aço’, ‘pixaim’, mas assim, isso é coisa que a gente sofre e não se ofende muito, mas a gente nunca esquece. Eu nem ligo para o que as pessoas falam, o importante é o que eu acho do meu cabelo.” (Estudante II)

“Bom lá no fundamental sempre tem aquelas ‘brincadeiras’ né, ah cabelo ruim, cabelo ‘pixete’, já faz muito tempo que falaram isso, mas até mesmo a pessoa que falou isso sobre o meu cabelo me pediu desculpa, então eu não levo muito em conta não.” (Estudante III)

“Sim, positiva só quando eu pintava com uma cor que eles gostassem, eles elogiavam. Mas quando começou a cair as pessoas pegavam no meu cabelo e diziam que eu tinha estragado meu cabelo, que meu cabelo estava ruim. Quando eu era criança, as pessoas adoravam meu cabelo, eu tinha cachinhos lindos, hoje não, hoje meu cabelo está estragado por causa da química, eu não posso fazer nada no meu cabelo por que ele pode cair, eu posso perder todo o meu cabelo, como eu já perdi.” (Estudante IV)

“Bom, eu me lembro de uma vez que eu estava na sala e uma menina que não gostava de mim me chamou de cabelo de ‘bombril’, por que o meu cabelo era cacheado e meio ‘ruim’, por causa disso eu vivi muitas situações. Chorei muitas vezes por que eu era muito humilhada na escola por causa do meu cabelo, mas hoje em dia, eu cresci e resolvi alisar meu cabelo. Alisei para me livrar dessas humilhações e para me sentir mais bonita.” (Estudante V)

“Bom, quando eu alisei meu cabelo todo mundo elogiou, mas quando foi saindo e a raiz voltou a aparecer, começaram a fazer piadinha aqui na escola, mas eu nem ligo.” (Estudante VI)

“Preconceito escancarado eu nunca sofri não, mas sempre tem aquelas brincadeiras né?! Tipo ‘bicha do cabelo ruim’, ‘cabelo pixaim’ e eu nunca ficava calada, eu sempre respondia aos insultos.” (Estudante VII)

“Na escola, as vezes, me chamavam de ‘bruxa’ por causa do meu cabelo. Eu ficava muito triste com isso.” (Estudante VIII)

“Antes de eu alisar meu cabelo, todos elogiavam e achavam muito bonito, mas depois que eu alisei e ele começou a quebrar sempre aparece alguém que me diz que eu acabei com ele.” (Estudante IX)

Diante das situações expostas, podemos observar que as experiências vividas na trajetória escolar de estudantes negros são uma preocupação que merece um olhar atento não só dos educadores, mas da sociedade como um todo. As falas das estudantes nos revelam situações de total constrangimento e dor vividas no ambiente escolar, como podemos observar nesta declaração *“Chorei muitas vezes por que eu era muito humilhada na escola”*, além de deixar marcas negativas *“a gente nunca esquece”*. As brincadeiras humilhantes, as “piadinhas”, os apelidos registrados como *“negra do cabelo ruim”*, *“cabelo de bombril, por que o meu cabelo era cacheado e meio ruim”* não podem acontecer dentro de uma instituição social, como a escola, e serem consideradas naturais. O rompimento com a padronização estética também é papel da escola, bem como o combate veemente de ações discriminatórias e racistas. Racismo não é natural. A correção dos estereótipos, um dos objetos internalizados na nossa consciência, que contribui para que a representação social do cabelo crespo não corresponda à sua percepção real, é um passo importante para a transformação dessa representação negativa que temos do cabelo do negro, e este passo deve ser dado também na escola. A adolescência é um período de construções na vida das pessoas, Gomes (2002) alerta que é nesta fase que os indivíduos vivenciam momentos intensos na construção da subjetividade negra e que dependendo da forma como esse adolescente lida com as experiências em relação ao seu cabelo e a sua cor poderemos ter sujeitos com traumas e dilemas raciais na fase adulta.

(...)Para o/a adolescente negro/a, a insatisfação com a imagem, com o padrão estético, com a textura do cabelo é mais do que uma experiência comum dos que vivem esse ciclo da vida. Essas

experiências são acrescidas do aspecto racial, o qual tem na cor da pele e no cabelo os seus principais representantes. Tais sinais diacríticos assumem um lugar diferente e de destaque no processo identitário de negros e brancos brasileiros. A rejeição do cabelo pode levar a uma sensação de inferioridade e de baixa autoestima contra a qual se faz necessária a construção de outras estratégias, diferentes daquelas usadas durante a infância e aprendidas em família. Muitas vezes, essas experiências acontecem ao longo da trajetória escolar. A escola pode atuar tanto na reprodução de estereótipos sobre o negro, o corpo e o cabelo, quanto na superação dos mesmos. (GOMES, 2002)

As experiências relatadas pelas estudantes refletem claramente que o processo de construção de suas identidades no espaço escolar não se deram de maneira positiva, em alguns momentos os conflitos em torno do cabelo crespo puseram-nas em situações de constrangimento e dor. Observo, que essas situações podem ter sido a causa da assimilação massiva na qual essas estudantes se colocaram, o processo de manipulação do cabelo tornou-se um hábito carregado de implicações negativas e subjetivas. Das dez meninas, oito já manipularam seus cabelos com processos químicos e estas sem exceções apresentam em seus discursos um conflito ligado a sua autoestima. Considerando o cabelo crespo um elemento definidor do pertencimento étnico/racial e um sinal diacrítico no complexo processo identitário analisemos o que declarou a estudante X:

“ Olha, quando eu era criança eu não ligava muito para o que falavam, mas quando eu chegava em casa, eu me olhava no espelho e... assim, eu achava meu cabelo muito bonito, mas machucava por que eu me sentia bonita e ao mesmo tempo as pessoas me humilhavam, diziam que era feio ‘cabelo pixaim’, diziam que não penteava, coisas que me chateavam. Ei, deixa eu contar... em fevereiro, eu vivi uma situação muito complicada. Eu estava usando rasta⁹ no meu cabelo e passei mal em casa, minha família chamou o Samu e a enfermeira

⁹ O Movimento Rastafári ou *Rastafar-I* (rastafarai) é um movimento religioso que proclama Hailê Selassî I, imperador da Etiópia, como a representação terrena de Jah (Jave). O movimento surgiu na Jamaica entre a classe trabalhadora e camponeses afrodescendentes em meados dos anos 20.

disse que eu estava com overdose só por causa da minha estética. Eu estava desacordada, minha irmã me contou que mexiam em mim, me sacudiam e eu não falava, não abria os olhos, não reagia. Daí quando a mulher do Samu chegou, pegou no meu cabelo e disse que eu estava com overdose, me levaram pro hospital de Redenção e lá eu dei entrada como se eu tivesse com overdose, sem eu nunca ter usado drogas. No hospital todo mundo encarou como overdose e eu fui transferida para um hospital em Fortaleza. Quando chegamos lá, minha irmã disse que fizeram todos os exames de sangue e o médico condenando o diagnóstico da enfermeira e do hospital, descobriu que o meu problema era trombofilia. Minha mãe está processando a mulher do Samu e o hospital de Redenção. Foi horrível, eu quase morri.” (Estudante X)

O uso dos *dreads* no cabelo da estudante e a cor da pele (preta) foram suficientes para que o maior ato preconceituoso, racista e ignorante pudesse ser cometida contra a entrevistada. A situação apresentada por ela não aconteceu na escola, mas revela a realidade desumanizadora vivenciada pela população negra em nosso país. Numa entrevista cedida a revista *Carta Capital*, em dezembro de 2012, o antropólogo Kabengele Munanga, quando questionado sobre o porquê da afirmação de que é difícil definir quem é negro no Brasil, foi enfático e destacou que isso se deve ao modelo racista brasileiro, e por isso os afrodescendentes possuem dificuldades em se aceitarem como negros. Completando a resposta, acrescenta ele – “Os policiais sabem, no entanto, quem é negro. Os zeladores de prédios também.” A questão a ser analisada neste caso não é singularmente o “ser negro” no Brasil, mas as marcas das desigualdades raciais e sociais que imprime no sujeito negro o peso da hierarquização racial, fruto das teorias racistas, presente em nossa sociedade. Para a polícia o suspeito sempre será o sujeito negro, assim como no caso da entrevistada uma negra desmaiada só poderia ser overdose. Essas imagens intimistas e negativas sobre o negro nos revelam o imaginário racista ao qual o brasileiro está submetido. Contudo, é imprescindível que tenhamos coragem para combatermos esses atos preconceituosos e racistas.

Por fim, destaco que a Escola Estadual de Ensino Médio Camilo Brasiliense me apresentou um Projeto Político Pedagógico do ano de 2012, com propostas e ações

pedagógicas que não privilegiam a educação antirracista. O currículo e o plano de ação da escola não foi reorganizado para se pensar em um cotidiano escolar que possibilite aos inseridos nesse processo educacional uma consciência política e histórica da diversidade bem como o fortalecimento das identidades e dos direitos do negro.

2.2- “Meu cabelo revela quem eu sou”

A segunda escola escolhida para a realização da etnografia foi a Escola Estadual de Educação Profissional Adolfo Ferreira de Sousa localizada à rua Santa Rita – Centro, Redenção. Atualmente (2014), a escola conta com 217 alunos distribuídos nas 1^{as}, 2^{as} e 3^{as} séries do ensino médio, a escola funciona em período integral e os cursos ofertados são os de técnico em enfermagem, técnico em informática, técnico em comércio, técnico em rede de computadores e técnico em hospedagem. Os sujeitos da pesquisa são 10 alunas negras, com faixa etária entre 15 e 16 anos. Do total de entrevistadas cinco se autodeclararam como pardas, três como preta/negra, uma como morena e uma como morena escuro. Seguirei a mesma reflexão desenvolvida nas análises descritas anteriormente, pelo fato de os objetivos almejados serem os mesmos. Nesta primeira questão também observarei a relação estabelecida por essas estudantes com os seus próprios cabelos e as suas posturas assumidas diante da ideologia do branqueamento. Analisemos:

Entrevistadora: O que você pensa do seu cabelo?

“Eu considero o meu cabelo um cabelo bonito, por ele ser assim, crespo. Hoje eu gosto do meu cabelo, mas antes eu não gostava por que as pessoas (choro) diziam as coisas comigo por que ele é assim. Eu me sentia muito triste, mas nunca pensei em alisar por que alguns cabelos, em minha comunidade, eram assim crespos e as meninas começaram a fazer alisamento e a estragarem seus cabelos e eu achava aquilo muito feio, então eu nunca quis.”
(Estudante I- 15 anos)

“Eu acho meu cabelo bonito, ele era crespo e agora eu alisei mas eu queria que ele voltasse ao normal. Porque assim, cabelo liso estava no auge, todo mundo usava e agora voltou o uso de cabelo

cacheado. Me deu vontade de alisar e eu alisei, mas agora eu não aliso mais.” (Estudante II- 15 anos)

“Eu penso assim, foi Deus que me deu esse cabelo então eu gosto dele. Eu não gosto de fazer nenhum tratamento químico nele, eu nunca quis alisá-lo. Experimentei passar alisante, mas detestei e nunca mais quis alisar. Às vezes quando eu lavo, ele fica meio agitado, mas dá pra levar.” (Estudante III-15 anos)

“Bom, eu gosto do meu cabelo por que eu acredito que nós devemos explorar o nosso natural é bem melhor que correr pro artificial por que além de estragar o seu cabelo, ele não demonstrar a nossa identidade.” (Estudante IV)

“Olha, eu gosto de usar meu cabelo natural, mas não por muito tempo por que eu tenho vontade de usar ele solto, mas eu não me sinto confortável e não é por que eu não goste do meu cabelo é que ele fica muito alto, por isso eu não uso ele solto, normal. Às vezes eu uso prancha, mas nunca fiz alisamento e sempre uso meu cabelo preso, por que ele é muito volumoso e eu sou muito envergonhada” (Estudante V- 15 anos)

“Agora eu sinto saudade dos meus cachinhos. Se eu pudesse eu voltaria a tê-los cacheados. **Entrevistadora: Por que?** É mais porque, quando eu era mais nova, eu não gostava muito do meu cabelo, mas agora eu sinto falta dessa naturalidade por que ele construía a minha personalidade, fazia parte de mim. Agora não, já fazem três anos que eu faço alisamento e basta a raiz aparecer que eu já quero alisar de novo. Eu gostava do meu cabelo mas eu queria mudar e agora pra voltar é muito difícil. Eu também gosto dele assim alisado, eu já me acostumei.” (Estudante VI- 16 anos)

“Quando ele está natural eu o adoro, simplesmente por ele ser cacheado, na maioria das vezes eu passo uma geleia e ele fica totalmente perfeito encaracolado. Às vezes eu passo prancha ou outro tipo de acessórios e produtos por que eu acho que é sempre bom mudar, mas eu acho ele perfeito. Meu cabelo era maior e

“muito cacheado e eu já fiz muito fiz alisamento.” (Estudante VII-15anos)

“Eu acho meu cabelo bonito, nunca fiz alisamento e as vezes eu uso prancha, mas é muito difícil.” (Estudante VIII-15 anos)

“Hoje em dia o meu cabelo é um tipo de cabelo que quase ninguém usa, por que as pessoas começaram a alisar seus cabelos, mas eu gosto muito do meu cabelo assim do jeito que ele é. Meu cabelo revela quem eu sou.” (Estudante IX- 15 anos)

“Assim, eu acho que por mais que meu cabelo seja crespo, eu gosto dele, é natural já né?! De acordo com o meu tom de pele.”
(Estudante X-15 anos)

Vejamos que as entrevistadas responderam à pergunta como se esta tivesse sido feita para sabermos se elas gostam de seus cabelos ou até mesmo apresentando uma justificativa para as manipulações (alisamentos) feitas em seus cabelos. Observemos: *“Eu gosto de usar meu cabelo natural, mas não por muito tempo (...) nunca fiz alisamento”*, *“Bom, eu gosto do meu cabelo por que eu acredito que nós devemos explorar o nosso natural”*, *“Quando ele está natural eu o adoro, simplesmente por ele ser cacheado”*, *“Eu gostava do meu cabelo, mas eu queria mudar e agora pra voltar é muito difícil.”*, *“por mais que ele seja crespo, eu gosto dele”*, *“Eu nunca quis alisá-lo, passei alisante mas detestei”*. Me parece que a leitura ideológica da negritude e a cristalização das diferenças temida por Gomes acometeu essas garotas. As falas não apresentam ausência de conflitos, mas podemos perceber, que quando o tema abordado é o cabelo do negro, há uma certa preocupação, no caso da estudante VI, em deixar claro que para ela o cabelo crespo é lindo, mas que a prática do alisamento é comum em sua vida, para que esta possa se sentir “diferente”. Ressalto, que o cabelo alisado não a torna “diferente”, ao contrário, o processo de alisamento é uma tentativa de aproximação do ideal estético do branco. Esse modo de ver e abordar a temática do cabelo crespo não nos remete a uma visão deste como um ícone identitário, e isso pode ser percebido também quando as garotas desprezam o termo “crespo” para fazerem uso do termo “cacheado”. A diplomacia nos discursos das estudantes nos permite perceber um confuso processo de rejeição/aceitação do seu próprio cabelo. O processo rejeição/aceitação acontece no campo da subjetividade, tornando o conflito um processo complexo que se dá consciente ou inconscientemente. A exemplo das entrevistas elaboradas na primeira escola, as falas das entrevistadas também trazem

incurtidas a teoria do embraquecimento “Foi por causa da minha mãe que meu cabelo não saiu tão ruim assim”.

Posterior a análise da primeira, a segunda pergunta busca captar como as estudantes relacionam a questão identitária com o cabelo crespo, ou seja, se estas conseguem perceber o cabelo crespo como um elemento definidor do pertencimento étnico/racial.

“Bom, eu acredito que ele seja assim por que meu pai tem o cabelo assim, então eu acredito que ele nasceu assim por causa disso. Meus pais são pardos, são da minha cor. Meu pai tem o cabelo crespo e minha mãe o cabelo liso.” (Estudante I)

“Eu não vejo nenhuma relação do cabelo crespo com a minha cor não, assim há uma grande diferença por que as vezes as pessoas pensam que só gente de cor mais escura e gente parda pode ter cabelo crespo, mas eu já vi várias pessoas de cores diferentes com o cabelo crespo, até gente branca.” (Estudante II)

“Acredito q eu existe uma relação sim, é da cor que vem o cabelo.” (Estudante III)

“A descendência!” (Estudante IV)

“Eu acho que não existe nenhuma relação não, por que existem pessoas que possuem cabelos cacheados e são brancas. Eu sou morena, negra, não sei, no meu registro tem parda, mas eu acho que eu sou negra e eu tenho meu cabelo crespo, mas meu irmão é negro e tem o cabelo liso. Por que você acha que você é negra então? Por que não existe só um tom de pele, tipo assim tem uma artista plástica que classifica as pessoas por tinta, se quiser eu me classificar como caramelo, café com leite é esse tipo de classificação que ela dá e eu me classifico como sendo negra.”
(Estudante V)

“Existe, está na minha linha, já vem no meu sangue.” (Estudante VI)

“Eu acho que ele é perfeito, por que combina perfeitamente com a minha cor.” (Estudante VII)

“Eu acho que a relação que existe é que meu cabelo vem da minha cor, um existe no outro” (Estudante VIII)

“Eu acho assim, a maioria das pessoas negras tem o cabelo crespo, vem do sangue. Está na genética e é isso.” (Estudante IX)

“De acordo com os nosso antepassados e a cor da pele né, meu cabelo deve ser crespo né?! Vem disso.” (Estudante X)

Vejamos, diferente das repostas dadas pelas primeiras estudantes, algumas entrevistadas, da segunda escola, percebem o cabelo crespo como um elemento biológico tem uma ligação direta com a sua “cor” e/ou com o pertencimento étnico/racial dos sujeitos, ainda que esta percepção apresente uma influência direta do sistema de dominação racial. Outras, não enxergando esse relação apresentam um discurso carregado de negações e desaprovações: *“Eu acho que não existe nenhuma relação não, por que existem pessoas que possuem cabelos cacheados e são brancas.”*, *Eu não vejo nenhuma relação do cabelo crespo com a minha cor não, (...) eu já vi várias pessoas de cores diferentes com o cabelo crespo, até gente branca.”* Observemos que estas estudantes não percebendo o cabelo crespo como elemento do pertencimento étnico/racial dos sujeitos, buscam uma justificação que caminha no ideal da mestiçagem. É como se estas afirmassem “Nossos cabelos não nos define como negras por que pessoas brancas também possuem cabelos crespos”, o discurso da miscigenação almeja, ainda que de forma velada, não possibilitar aos negros a construção de sua própria identidade. Vale salientar, que esses discursos se produzem em meio aos conflitos que circundam o processo de reconhecimento das identidades.

Num terceiro momento, a questão a ser analisada requer a percepção de situações vividas pelas estudantes no cotidiano escolar. O objetivo é perceber como as entrevistadas lidam e se posicionam com as situações vividas em torno do seu cabelo. Vejamos:

“Bom, das experiências positivas, eu lembro que algumas pessoas me incentivavam a achar meu cabelo bonito, mas outras discriminavam mesmo diziam que meu cabelo era feio por que era crespo e também reclamavam muito da minha cor também e isso me chateava muito, quando eu chegava em casa eu chorava.”

Entrevistadora: A escola em algum momento tentou combater isso de alguma forma? Não, a escola nunca tratou desse assunto, tratou muito do assunto relacionado a cor.” (Estudante I)

“Eu lembro que quando eu estudava na quarta série, no tempo que meu cabelo ficou muito grande, eu fui com ele solto para a escola e os meninos chamaram meu cabelo de “bosta de rolinha”, Eu comecei a chorar, sai da sala e não voltei mais.” (Estudante II)

“Não muito, ninguém me critica por causa do meu cabelo não e elogio só mesmo quando eu aliso ele, quando passo uma prancha.” (Estudante III)

“Bom, na maioria das vezes as pessoas acham meu cabelo bonito por que é natural e elogiam bastante.” (Estudante IV)

“Nunca vivi nenhuma situação que envolvesse meu cabelo, nem positiva, nem negativa.” (Estudante V)

“Eu me lembro mais das negativas do que das positivas. Os apelidos como ‘bombril’, vassoura’, ‘bucha’ esses eram os mais repetidos e quando eu amarrava eles diziam “Ah prendeu a floresta hoje” e por aí ia, minha mãe sempre me ensinou a levar na esportiva, isso me incomodava, me ofendia mas eu não em importava tanto. Depois que eu alisei isso não aconteceu mais.” (Estudante VI)

“As negativas são que sempre, durante o fundamental, as meninas sempre tinham cabelos longos e lisos e o meu era grande e crespo e por isso eu sofria um pouco de ‘bullyng’ por causa do meu cabelo, mas sempre quando tinha eventos sobre a consciência negra sempre a gente que tinha cabelo crespo era mais valorizado dentro da escola. Os apelidos eram comuns ‘cabelo pixaim’ e muitos outros.” (Estudante VII)

“As positivas são que algumas pessoas elogiam meu cabelo, dizem que ele é bonito e negativas não tem não.” (Estudante VIII)

“Eu já sofri ‘bullying’, uma vez o menino chamou meu cabelo de ‘moita’, antes eu queria alisar, mas hoje eu nem penso mais. Quando ele falou isso eu senti ódio dele, senti vontade de voar em cima dele, mas eu deixei pra lá.” (Estudante IX)

“Uma vez eu estava discutindo com um colega e ele me chamou de ‘cabelo de bombril’, mas eu nem liguei não e positiva eu nem me recordo.” (Estudante X)

A escola ainda não contempla a significação social do cabelo crespo como uma temática merecedora de um espaço no currículo e nas propostas pedagógicas. Observando pois, os relatos das estudantes vemos que as experiências positivas não privilegiam o cabelo crespo e o processo de construção de suas identidades no espaço escolar não acontece sem contradições, isso é enfatizado na fala da estudante VII: *“As negativas são que sempre, durante o fundamental, as meninas sempre tinham cabelos longos e lisos e o meu era grande e crespo e por isso eu sofria um pouco de ‘bullying’ por causa do meu cabelo, mas sempre quando tinha eventos sobre a consciência negra sempre a gente que tinha cabelo crespo era mais valorizado dentro da escola. Os apelidos eram comuns ‘cabelo pixaim’ e muitos outros.”* Tal como destaca a estudante os negros e negras só eram percebidos, valorizados dentro do espaço escolar na semana do 20 de novembro, na consciência negra. O dia da consciência negra e as datas comemorativas são importantes na formação de uma memória nacional, pois possuem um sentido político e cultural profundo, mas é preciso rompermos com o caráter ritualístico dessas datas. É notório a descontextualização da questão racial, a transversalidade temática é um caminho viável para que a questão racial não seja tratado de forma excêntrica. Segundo Cavalleiro apud Gonçalves (2000) *“O ‘ritual pedagógico do silêncio’ exclui dos currículos escolares a história de luta dos negros na sociedade brasileira (...)”* De fato, as temáticas que envolvem as relações raciais e a identidade negra devem ser consideradas nos planos de ações e nas discussões pedagógicas, para que esse “silêncio” seja quebrado. Refletir sobre os desafios que se revelam no cotidiano escolar, quando a temática é a questão racial, poderá nos apontar novos caminhos para a promoção de uma educação antirracista e menos desigual.

Enfim, a Escola Estadual de Educação Profissional Adolfo Ferreira de Sousa me apresentou um Projeto Político Pedagógico bem elaborado e bastante conciso, mas que

não me permitiu identificar se a questão das relações raciais é contemplada. A proposta curricular e o plano de ação não me foram apresentados.

Capítulo III – Construindo uma consciência identitária: a ressignificação da minha identidade

Eu, como milhões de negros e negras brasileiros, nasci e cresci dentro de uma sociedade racial e socialmente desigual. Parto do princípio de que a construção de uma consciência identitária, dada a realidade na qual estamos inseridos, é um processo que se dá em meio a conflitos. As desigualdades raciais afetam a inserção do negro na sociedade e compromete a construção de um país verdadeiramente democrático. Essas desigualdades estão presentes em diferentes momentos do ciclo da vida do indivíduo, desde a infância até a fase adulta e por que não dizer até quando nos forem apresentadas medidas de sobrevivência. É de fundamental importância reconhecermos que, numa sociedade como a nossa, existem muitas barreiras a serem rompidas em relação as questões raciais e, principalmente, no processo educacional. O rompimento dessas barreiras se faz imprescindível para que o negro brasileiro possa se reconhecer negro e assumir sua identidade sem sofrimento. Sabemos que a escola nos permite estabelecer relações e interações sociais, nessas relações construiremos visões sobre o mundo e sobre o homem que contribuirão positiva ou negativamente no nosso reconhecimento étnico/racial. Infelizmente, na maioria das vezes, as representações do negro que nos são transmitidas dentro do espaço escolar não contribui para que nos reconheçamos com tal. Ora se no âmbito familiar a representação do negro também não nos é apresentada de maneira positiva, a escola enquanto instituição social, é um espaço onde representações negativas devem ser desconstruídas.

Cavalleiro (2000) afirma que “(...) a identidade é um dos resultados mais importantes do processo de constituição social do sujeito.” De fato, as definições que criaremos de nós mesmos se firmarão a partir de interações sociais entre o eu e o outro. O mais complexo é que, no Brasil, o sistema hierarquização racial pressupõe a estruturação de um identidade baseada na propagação de estereótipos negativos sobre o negro. E o eu negro, terá dificuldades em reconhecer a si mesmo. Para nós, negros, a definição do “Quem sou eu?” fica por um longo período sem reconhecimento étnico, sem consciência identitária.

Como entender, por que a menina negra de cabelo crespo não podia ser a rainha da quadrilha na escola? Por que a menina negra de cabelo crespo não podia subir no altar

da igreja e ser anjinho, ainda que por um dia? Por que o cabelo tinha de estar sempre preso, amarrado? Esses “por quês” deram início a um processo de reconhecimento de uma identidade que eu nem sabia que existia, e se sabia preferia não reconhecê-la.

3.1– ‘Nega do cabelo duro que não gosta de pentear’

O verso acima foi retirado da música “Fricote” do cantor baiano Luiz Caldas e é um velho conhecido de meninas negras de cabelo crespo, meninas que, assim como eu, cresceram ouvindo apelidos pejorativos e vivendo situações de constrangimento nos mais diversos espaços e principalmente na escola. Ouvir essa música até hoje não me é agradável. O comportamento racista apresentado na letra da música, não era percebido por mim naquela época, mas me incomodava ouvi-la. O ataque a estética era um instrumento violento contra o processo de construção da identidade, numa sociedade onde a beleza estava e está relacionada a um único padrão, fazendo com que a mulher negra assimile um modelo idealizado como recurso para ser aceita na sociedade. A afirmação do cabelo do negro como um cabelo “duro” presente na música alimentava os ideais de padronização estética e racial, fazendo com que o negro, no Brasil, rejeitasse sua própria identidade.

Percebendo a importância do ambiente familiar e da escola como espaços de construção das identidades, Cavalleiro (2000) destaca: “Não se concebe um desenvolvimento proporcionado exclusivamente pela educação formal, como também não se entende esse desenvolvimento sendo realizado unicamente pelo grupo familiar. Afinal, juntas, escola e família são responsáveis pela formação do indivíduo. Não se pode valorizar a escola em oposição à educação familiar e viceversa. Ambas desempenham funções de profunda importância.” Saliento, que no meu caso apesar das situações vividas no espaço escolar em torno do meu cabelo, minha mãe sempre me incentivou de maneira positiva, me passou segurança e rebateu todas as formas de preconceito.

As memórias que guardo da minha infância trazem momentos em que o racismo era presença constante no meu cotidiano. Minha mãe, uma mulher negra forte e batalhadora, ficou viúva, com seis filhos para sustentar e educar. Ela trabalhava como cozinheira em um hospital localizado no distrito de Antonio Diogo no Município de Redenção. Eu, como filha mais nova, ao voltar da escola era levada para a casa de minha tia, ela cuidava de mim até que minha voltasse para me buscar. As tardes vividas lá eram muito agradáveis,

exceto quando minha tia resolvia pentear meu cabelo a seco com um pente fino, aquilo era tão dolorido, ela puxava tanto o meu cabelo que eu chorava. Tal situação produziu em mim um desejo enorme de não possuir aquele cabelo. Os apelidos como “cabelo pixaim”, “bucha”, “juba”, “neguinha do óleo” que eu ouvia constantemente na escola aumentavam a rejeição pelo meu cabelo. As minhas primeiras interações sociais projetaram em mim uma imagem negativa do negro e a relação com o meu cabelo acabou por aprofundar esse conflito.

Já na adolescência, conheci métodos que podiam resolver o problema do meu cabelo. Nesta fase eu já sabia me defender das agressões verbais, porém eu acreditava que devia uma resposta aos colegas e até mesmo aos professores. Para mim, era importante mostra-los que eu podia transformar o meu cabelo “duro” em um cabelo liso, ideal. Desde muito cedo, eu, como muitas mulheres negras, fui trabalhada para desejar um cabelo “liso” e quando esse momento chegou, me senti infinitamente feliz.

Era manhã de dezembro, três dias antes do meu aniversário de quinze anos. Minha tia, aquela que penteava meu cabelo com um pente fino, me ligou me informando que iria me levar a um salão de beleza. Eu fiquei estarelecida, não acreditava que naquele dia eu iria me livrar do cabelo “ruim”, ou pelo menos dos apelidos. Tudo ocorreu como o esperado, chegamos no salão o cabelereiro disse que tudo o que eu já sabia sobre meu cabelo e aplicou a química. Terminada a sessão de quase quatro horas, me olhei no espelho e me vi uma outra mulher, me senti “bonita”. Quando cheguei em casa, todos elogiaram e na escola não foi diferente. Um mês depois, o drama se iniciou, o meu cabelo como qualquer outro cabelo começou a crescer e raiz reapareceu. Como forma de esconder a raiz, passei a usar “chapinha” todos os dias e mais uma vez me vi em meio a uma situação altamente conflituosa, escravizante. Eu não podia ir à praia, não podia tomar chuva, não podia molhar a cabeça, mesmo nos dias mais quentes. Junto a essa frustração, a ideia de que eu não sofreria mais preconceito não se concretizou, na escola os termos pejorativos se apresentaram com uma nova roupagem, como “bucha esticada”, “ bombril engomado”.

Conclui o ensino médio e comecei a trabalhar em uma escola como professora substituta, eram somente dois meses. Nesse período tive a oportunidade de conhecer um projeto baseado na lei 10.639 que visava preparar o município de Redenção para a chegada da Universidade Internacional da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira

(UNILAB), ele chamava-se “As cores de Redenção”. Na culminância do projeto recebemos a formadora Rebeca Alcântara que falou sobre a vinda da universidade para a nossa cidade, Cultura Afro-Brasileira e Identidade Negra. Na ocasião, encontrei um espaço para perguntá-la sobre o meu cabelo, eu queria saber que implicações o processo de alisamento incute no processo de reconhecimento da identidade negra. Ela me respondeu que consciente ou inconscientemente quando alisamos o nosso cabelo, nós rejeitamos/negamos a nossa identidade. A resposta me fez perceber uma realidade que até então, eu não consegui enxergar. Um anos depois, instalou-se em Redenção a Unilab, decidi reconstruir minha identidade e já conhecendo a proposta da instituição, participei do exame nacional do ensino médio (ENEM) e me candidatei a vaga no curso noturno de Bacharel em Humanidades.

Na universidade tive a oportunidade de conhecer uma história que os livros didáticos não contam, desmistificar preconceitos e construir uma consciência identitária. Foi estudando sobre a História e Cultura Africana e Afro-Brasileira que consegui perceber o cabelo crespo como um ícone identitário e os conflitos que afetam a vida de tantas crianças e jovens negros existente no processo de construção da identidade negra. As construções negativas do negro que nos são apresentadas desde a infância limita-nos a uma visão reducionista da nossa própria existência, da nossa cultura. Abordar as questões sobre História e Cultura Africana e Afro-Brasileira pressupõe um movimento de libertação de um povo, o povo brasileiro.

3.2-“Respeitem meus cabelos, brancos! Chegou a hora de falar vamos ser francos”

O verso do subtítulo acima também foi retirado da letra de uma música, a música “Respeitem meus cabelos, brancos” de Chico César que me trouxe o movimento de libertação pressuposto pela abordagem das questões sobre História e Cultura Africana e Afro-Brasileira. Ainda como professora substituta, participei de uma das formações de professores de História na Secretária da Educação do município de Redenção, o projeto trabalhado pelo município para receber a universidade foi renomeado e agora denomina-se “Rosal da Liberdade”. Na ocasião conheci a formadora Silvia Helena que me apresentou a canção de Chico. A voz lírica presente na música é um “ato” de reação contra

a ordem preestabelecida que dita a padronização estética e racial a ser seguida, em todos os âmbitos, e que me permitiu fazer a escolha política de me tornar negra.

A partir daquele momento eu passei a ser outra, a consciência identitária registrada no título do terceiro capítulo e que vem sendo construída dentro da universidade me fez reconhecer que tal como afirma Algarve apud Silva (2004): “Ser negro no Brasil é uma escolha política, por que, ao assumir a luta por combate ao racismo e discriminações, ou a luta por reconhecimento de identidade e direitos sociais, culturais e políticos, os negros vão se tornando negros.”

Os meus conflitos identitários deram lugar a uma consciência identitária que me motivou investigar por que as meninas negras não são tratadas da mesma maneira que as meninas brancas no espaço escolar e na sociedade em geral, me importa saber por que o cabelo crespo é tão rejeitado dentro da nossa sociedade. O dilema que eu vivi em relação ao meu cabelo produziu em mim um despertar pela busca das significações sociais em torno do cabelo crespo. Eu, nos versos do poema “Fios negros” revelo o conflito estabelecido com o meu cabelo, que depois de manipulado (alisado) perdeu a vivacidade/identidade e apresento uma possibilidade de reconstrução dos “fios” através das novas percepções que “os espelhos de pele preta” me permitiram.

Fios negros

Eu não tinha esses fios de hoje

Assim frágeis

Assim metamórficos

Assim apáticos

Esses fios de hoje

Ainda ontem

Tomavam chuva

Não temiam o vento

Não renegavam o calor do sol

Esses fios de hoje

Já foram negros

Já foram fortes

Já me identificaram

Ainda ontem eu tinha fios falantes

Com personalidade

Ainda ontem eu não tinha as ideias de hoje

Nem as percepções

Nem os espelhos

Os espelhos de pele

Pele preta

Os espelhos de identidade

Identidade negra

Estes me representam

Me orgulham

Espelhos de muitos Luises

Veras

Nilmas

Espelhos experientes

Espelhos de Munangas

Rebecas

Silvias

Espelhos com vida, com força, com raça...

Indagação?

Agora me permito!

Espelho, espelho meu

Existe um cabelo

Mais livre

Mais belo

Mais resistente

Que o meu?

Esse poema surgiu em meio a um turbilhão de emoções, que revelou um desejo de expressar como eu enxergava meu cabelo antes e como eu passei a enxergá-lo depois que eu compreendi as significações atribuídas a ele. O poema surgiu também como resposta a imagem depreciativa do negro apresentada pela ideologia do branqueamento, representando o momento em que dentro do processo da minha construção identitária eu aceitei o meu cabelo crespo, como um símbolo do meu pertencimento étnico.

Considerações finais

Diante da reflexão sobre a complexa relação estabelecida entre o cabelo crespo, a trajetória escolar e o processo de construção da identidade negra, afirmamos que no que se refere as questões raciais é fundamental criarmos alternativas e propostas pedagógicas que contemplem a realidade vivida pelos alunos negros que estão em nossas escolas.

Hoje, nas escolas da Rede Estadual de Ensino de Redenção percebe-se uma certa hesitação em torno das questões raciais. As propostas curriculares e os planos de ações não privilegiam com amplitude a obrigatoriedade do Ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira e quando privilegiam as fazem de maneira simplória e secundária. São escolas constituídas, em sua maioria, por alunos(as) negros(as) que não se veem representados no ambiente escolar. Talvez por esse motivo, das vinte adolescentes entrevistadas, apenas oito se autodeclararam negras.

O estudo do cabelo crespo como um ícone identitário do negro possibilita-nos uma ruptura com padrões estéticos estabelecidos por um sistema classificatório desumano e desigual. Falamos de uma proposta educacional que privilegie a realidade vivida pelo aluno, a história de vida dos sujeitos em suas relações sociais e nas suas dimensões simbólicas. A escola da qual participamos precisa observar as coisas que se insinuam, as práticas pedagógicas devem ser combativas e atentas ao racismo para que este não se instale nas relações estabelecidas entre alunos(as), professores e a comunidade escolar como um todo.

Assim sendo, acreditamos que o estudo sobre as representações do cabelo do negro vinculado a questão da identidade negra poderá nos apontar um caminho positivo para destituirmos ideologias racistas e rompendo com visões preconceituosas possamos reafirmar nossa identidade conforme a declaração de Munanga (1988): “A identidade consiste em assumir plenamente, com orgulho, a condição de negro, em dizer, cabeça

erguida: sou negro. A palavra foi despojada de tudo o que carregou no passado, com desprezo, transformando este último numa fonte de orgulho para o negro”.

Por fim, após aprofundar meus estudos sobre a complexidade que envolve o cabelo crespo, a trajetória escolar e identidade negra e como resultado de uma autoafirmação da minha identidade reafirmo que a aplicação da lei 10.639 que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nas escolas de Ensino Fundamental e Médio é fundamental para que a educação brasileira rompa com as ideologias racistas e transforme suas escolas em ambientes de construção, não só do conhecimento, mas também da identidade, de valores, de afetos, enfim, um espaço que proporcione a todos os brasileiros uma educação transformadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALGARVE, Valéria Aparecida. *Cultura negra na sala de aula: pode um cantinho de africanidades elevar a auto-estima de crianças negras e melhorar o relacionamento entre crianças negras e brancas?* Dissertação de mestrado. São Carlos: UFSCar, 2004.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil.* São Paulo: Contexto, 2000.

CRUZ, Manoel de Almeida. *Pedagogia Interétnica.* In: *Cadernos de pesquisa Fundação Carlos Chagas*, nov/1987, nov.63.

DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro, Rocco, 1998.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas.* Trad. Renato da Silveira. Salvador: UDFBA, 2008.

GOMES, Nilma Lino. *Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte.* Tese de doutorado em Antropologia Social. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2002.

_____. *Cultura Negra e educação.* In: *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, Autores Associados, n.23, p.75-85. maio/jun./jul./ago., 2003.

GOMES, Nilma Lino. *Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?* In: *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, Autores Associados, n21, p.40-51- set./dez., 2002.

_____. *Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.* 2. ed.

Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LIMA, Ivan Costa. *Uma proposta pedagógica do Movimento Negro do Brasil: Pedagogia Interétnica uma ação de combate ao racismo*. Faculdade de Educação; UFSC, 2004.

MUNANGA, Kabengele. *A educação colabora para a perpetuação do racismo*. São Paulo: Revista Carta Capital. 30 dez.2012. Entrevista concedida a Adriana Marcolini.

_____. *Negritude: usos e sentidos*. São Paulo: Ática, 1988.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. *Para entender o Negro no Brasil de Hoje: história, realidades, problemas e caminhos*. São Paulo: Global/Ação Educativa, 2006.

PARECER CNE/CP 003/2004. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília: CNE/CP, aprovado em 10/03/2004.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro*. Rio de Janeiro: Ed. Grall, 1983.

